

RESENHAS/REVIEWS

Valderez Helena Gil JUNQUEIRA *

ECO, Umberto. *Conceito de Texto*. São Paulo, EDUSP, 1984, 212 p.

A obra compõe-se de oito capítulos correspondentes a ensaios apresentados pelo autor em um ciclo de conferências proferidas, em 1979, no Curso de Pós-Graduação em Língua e Literatura Italiana da Universidade de São Paulo.

Agradável e digesta é a apresentação dos conceitos que versam sobre o signo, a função sónica, o interpretante, a estrutura do campo semântico, a semiose ilimitada, a construção do texto em base semêmica e a atualização do texto, que se constituem no instrumental básico para uma abordagem semiológica do texto.

Numa ambiência em que permanece a idéia do texto como uma máquina semântico-pragmática, a função sónica subsume, com vantagem, as características e implicações do signo, para, em nível textual, revelar-se como uma entidade de realização comunicativa produtora de sentido, que tem por mediadoras a figura do interpretante e a noção de intertextualidade.

Relegado ao segundo plano, o código predeterminado cede lugar à mensagem, tecida na sua mais diletta forma, a metáfora: "A verdade é que a metáfora é exatamente aquele instrumento que me permite, ao invés de entender o que é código, construir um código." Com efeito, a boa metáfora é aquela que, uma vez instaurada no domínio público, enriquece o código, gerando, em função do maior ou menor grau de atualização dos semas específicos, os conhecidos sentidos figurados.

O estilo claro e direto do autor, manifesto nos primeiros capítulos, torna a leitura quase compulsória, sobretudo porque a simplicidade da sua forma de expressão tem por correspondente uma visão acurada da matéria de que trata.

* Departamento de Letras Vernáculas e Clássicas — Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas — UNESP — 15055 — São José do Rio Preto — SP.

Sob rigor são estabelecidas relações aproximativas entre aspectos teóricos aparentemente inconciliáveis, a exemplo da convergência entre os modelos de Hjelmslev e os postulados de Pierce. Com igual propriedade são questionados Saussure e Ogden-Richards por suas observações sobre a problemática do significado, e Greimas pelas limitações do mecanismo de oposição binária, como recurso de análise de textos cujos conteúdos apontem para o sistema da espacialidade.

Esse empenho em relacionar conceitos deixa transparecer, desde logo, a cativante preocupação didática do autor. Assim é que o leitor, apesar de conquistado pelo prazer que a obra proporciona, deve sempre ter presente a circunstância de produção da mesma, ou seja, de matéria direcionada para conferências. Do contrário, ver-se-á surpreendido por afirmações inadvertidas que progressivamente trairão sua confiança na leitura.

Se do processo de associação emerge o conteúdo final da obra, tudo parece possível para Eco, quando uma determinada conclusão é desejável — até mesmo o altamente improvável. Vejamos um exemplo: retomando a conhecida análise que Katz e Fodor fazem de *bachelor* (solteiro), Eco apresenta os quatro significados dados em forma dicionária — 1. “homem não casado”; 2. “homem ou mulher que obteve o primeiro grau de formatura numa universidade” (ou, textualmente, segundo os referidos autores: “*having the academic degree conferred for completing the first years of college*”); 3. “pajem de um cavaleiro”; 4. “tipo de foca que não se acasala no período do cio”.

Fundamentando-se na visão de Jakobson de que as quatro acepções de *bachelor* dependem de uma única propriedade semântica, o “inacabado”, Eco passa à argumentação em favor da postura *jakobsoniana*, que merece destaque não pelo mérito da questão em pauta, mas sim pela gratuidade das afirmações contidas:

“É inacabada uma pessoa que ainda não se casou, porque não completou sua carreira biológica; é inacabada uma pessoa que é pajem de um cavaleiro, porque ainda não se tornou cavaleiro; é inacabada uma pessoa que obteve o grau de bacharel, porque ainda não obteve o de mestre e o de doutor; é inacabada a pobre foca pela mesma razão pela qual é inacabado o *bachelor*, porque não conseguiu alcançar a finalidade da vida de toda foca, que é a de acasalar-se com outra foca do sexo oposto.” (!)

Desnecessário se torna ao leitor chegar à reflexão sobre a verdadeira vocação das focas, de vez que as três primeiras justificativas, por si, demonstram a fragilidade das proposições argumentativas do autor. Intuições dessa natureza permeiam a obra, causando desconforto a quem conhece e respeita Umberto Eco, pelo brilhantismo de suas idéias e pelo rigor metodológico que o elevaram a

condição de semiólogo de primeira linha: *Apocalípticos e Integrados*, *A Estrutura Ausente* e *Tratado Geral de Semiótica* seriam suficientes para ilustrá-lo. . .

Fiel ao percurso traçado, a obra caminha para uma arrastada análise de dois textos de Alphonse Allais, “Un Drame Bien Parisien” e “Le Templiers”, que obrigam o leitor a um constante folhear de apêndices, impondo-lhe um obstinado esforço que resulta na ausência da contrapartida gratificação intelectual.

Duas grandes vertentes aparecem como fontes para o trabalho: uma representada por suas próprias obras *Tratado Geral de Semiótica* e *Lector in Fabula*; outra por idéias de autores como Hjelmslev, Pierce, Saussure, Greimas, Frege, Ogden e Richards, Jakobson e outros.

Em vários momentos, a exposição parece caótica, pois, de um lado o autor faz remissões a assuntos já tratados em suas obras e os dá por conhecidos pelo leitor; de outro, trabalha com idéias alheias, às vezes formulando-as e produzindo ilações, sem proceder à devida delimitação ou identificação de sua origem. São constantes as citações de nomes e de conceitos, sem qualquer outra referência sobre as respectivas obras, datas de publicação, ou coisa que o valha. Observe-se que ao longo de toda a obra são registradas apenas três notas referenciais de rodapé: duas dele próprio, *O Signo* e *Lector in Fabula*, e uma de Christine Brook-Rose, *Grammar of Metaphore*, esta sem indicação de local de publicação, editora ou data.

Ora, ensaios apresentados sob a forma de conferências, sabemos-los desobrigados de citações que truncariam o raciocínio do ouvinte, dificultando-lhe a compreensão. Entretanto, assumida a publicação dos mesmos, após um tratamento de *copydesk*, revisão e produção sob o formato de livro, com intenções visivelmente acadêmicas, não estaria implícita a sujeição dos textos às regras elementares da produção científica? Entendemos que sim, sobretudo pelas pretensões didáticas do autor. Afinal, já são tantos os descaminhos que concorrem, nos meandros da indústria cultural, com a autêntica postura científica, que seria desejável um ensino sistematizado sempre atento à não convivência com a dinâmica desse processo reificador.

Mais apocalípticos que Umberto Eco, insistimos em que pelo menos as editoras universitárias permaneçam como reduto do rigor metodológico, nas publicações a serem comercializadas sob suas chancelas.